

Nach ponedielnik, nº 48, 1923, p. 3

Balé de Kharkiv

L. S. Vygótski

É claro que o vento, às vezes, traz o aroma de jardins distantes, mas, com mais frequência, ele traz poeira. Ocasionalmente, os ventos das turnês trazem fragmentos preciosos do verdadeiro teatro, mas, com frequência ainda maior, trazem minúsculas partículas rasgadas de algo difícil de se reconhecer, pois se trata de poeira teatral.

Nosso balé clássico, em geral, nos anos da revolução, pulverizou-se e leva essa poeira por diferentes cidades e palcos. Eis que uma delas veio voando de Kharkiv, girou com os *lamentos de Israel e os pedintes italianos, com valsa caprice e lezginka*¹, com danças de *marinheiros e canção de outono*, com o *trepak*² e o anjo da morte, com borboletas e *kol nidrei*³. As mais douradas e rosadas foram as poeirinhas de uma bobagem de dança e de mímica francamente vazia, despreziosa e tola, de uma quinquilharia coreográfica, como os jogos com bola e corda na interpretação de Sómová e Raimér.

Tudo que fosse um tanto sério, em que deveria reluzir uma ideia de dança, ou apareceu desfocado em lírica plástica impotente e adocicada (canção de outono ou estudo *Érotique* na interpretação de Vlávova) ou em lamento lânguido e dramático (*Poema* de Fibich⁴). Tudo isso com uma técnica muito medíocre, senão “iniciante”.

¹ Dança popular de povos do Cáucaso.

² Uma das danças presentes em *O quebra-nozes* de Tchaikóvski, baseada na dança ucraniana “trepak”.

³ Declaração judaica recitada nas sinagogas no início do serviço noturno de Yom Kippur

⁴ Zdeněk Fibich (1850-1900) compositor clássico tcheco.

A composição das danças do mestre de balé Iórkin⁵ em nove décimos reproduz formas banais e muitas vezes já vistas. Às vezes ele introduz um detalhe divertido na dança cômica, alguma variação. Mas, quando encontramos criações não vistas antes e, parece, inteiramente pertencentes à composição, como o kol nidrei, observamos imediatamente todas as fontes superficiais dessa plástica rítmica barata. Isso é feito bem no espírito da música de Erdiënko⁶. Poses ritualísticas, inclinadas à terra, corpos torcidos, mãos em prece, reverências: tudo isso merece virar uma imagem de cartão postal ou ser colocado na parede.

As migalhas de dança clássica, que encontraram para si um lugarzinho no rico e variado programa, impressionaram negativamente em quase todos os procedimentos técnicos. Viltzak⁷ dança de forma diligente, como uma trabalhadora honesta, mas nem os aspectos de mímica, rítmicos ou de plástica de sua dança transmitem sequer uma imagem distante daquela música especial do movimento, que chamamos dança clássica. Ela é, antes, uma bailarina de ópera, auxiliar, que domina bem alguns procedimentos, mas é como uma estrangeira falando em uma língua que lhe é estranha.

É mais alegre assistir à dança cômica de Pinno (trepak de *Koniok-Gorbunok*). Apesar de toda a imprecisão da interpretação, fraca em geral, ela é melhor do que a rebuscada audácia das danças húngaras e outras.

Mas a verdade é que não é muito fácil distinguir o melhor do pior nessa poeira de balé. No fim das contas, tudo isso é insignificante e pouco necessário, são poeirinhas esvoaçantes, saídas dos poderosos granitos da dança e levadas pelo vento da turnê de um palco a outro.

⁵ Pável Konstantínovitch Iórkin (1891-1954), mestre de balé soviético. Dirigiu a companhia de balé da Ópera Russa de Kharkiv (Ucrânia) entre 1920 e 1924, onde montou *Dom Quixote*, *Coppélia* e *La Fille Mal Gardée*.

⁶ Mikhail Gavrílovitch Erdiënko (1885-1940), violinista russo, compositor de obras para violino que misturavam o estilo acadêmico e a música cigana.

⁷ Valentina Iossifovna Viltzak (1900-1947), bailarina russa. Concluiu os estudos de teatro em Petrogrado e trabalhou entre 1914 e 1924 em Petrogrado e Kharkiv.